

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO FORMAL: Uma Revisão de Escopo

Mileide de Souza Carvalho¹
Fábio Carvalho Nunes²

RESUMO

O aprimoramento da inteligência emocional é fundamental para o bem-estar individual, convívio social, para o desempenho acadêmico e o mundo do trabalho. Por isso, torna-se cada vez mais necessário o desenvolvimento de estratégias na educação formal, visando a melhoria do equilíbrio emocional e dos processos de ensino-aprendizagem, principalmente no contexto pós-pandemia da COVID-19. Dentro desse contexto, o objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão de escopo para levantar e examinar a natureza e extensão das publicações acerca da Inteligência Emocional no ambiente escolar formal, identificando lacunas e desafios. Realizou-se uma revisão de literatura, indexada em bases de dados, conforme a metodologia *scoping review*. As informações foram coletadas nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scopus (Sc) e Web of Science (WoS). Utilizaram-se as palavras-chave “Education”, “Emotional” e “Intelligence” para coletar artigos publicados nos últimos cinco anos. Encontraram-se 541 artigos, dos quais 120 atenderam aos critérios de inclusão e foram analisados. A revisão evidencia que trabalhos sobre IE têm começado a ocupar os espaços do ensino formal, estando mais concentrados nos níveis médio e superior. Não foram identificados trabalhos desenvolvidos no Ensino Profissionalizante Integrado ao Médio, nem nas séries iniciais do Ensino Infantil. Trata-se, portanto, de uma lacuna que precisa ser preenchida, visto que o desenvolvimento do equilíbrio emocional é fundamental para o mundo do trabalho e deve ser desenvolvido desde a mais tenra idade para obtenção de melhores resultados. A revisão permitiu identificar que existem vários gargalos para a promoção da Educação Emocional nos ambientes formais, dentre eles: necessidade de incorporação de forma transversal no currículo escolar; necessidade de implementar/avaliar as ações em longo prazo; necessidade de melhorar os instrumentos de coleta de dados, bem como o tamanho e perfil amostral.

Palavras-chave: Educação; Inteligência Emocional; Ensino-aprendizagem; Educação Profissional e Tecnológica.

EMOTIONAL INTELLIGENCE IN FORMAL EDUCATION: A SCOPE REVIEW

ABSTRACT

The improvement of emotional intelligence is essential for individual well-being, social life, academic performance, and work. Therefore, it is necessary to develop strategies within formal education to improve emotional balance and learning, especially after the COVID-19 pandemic. In this context, a scope review was carried out to raise publications about Emotional Intelligence in the formal school environment, and identify gaps and challenges. The review was carried out in databases, according to the “scoping review” methodology. Information was collected from the Virtual Health Library (VHL), Scopus (Sc) and Web of Science (WoS). The keywords “Education”, “Emotional” and “Intelligence” were used, collecting articles published in the last five years. Initially, 541 articles were obtained, 120 met the inclusion criteria and were analyzed. The review shows that works on Emotional Intelligence (EI) have begun to occupy spaces in formal education, focusing more on secondary and higher levels. No works were identified in Vocational Education Integrated to High School, nor in the early grades of kindergarten. It is, therefore, a gap to be filled, since the development of emotional balance is fundamental to the work and must be developed from the initial grades to obtain better results. The review identified several bottlenecks for the promotion of Emotional Education in formal environments, among them: the need to incorporate it across the school curriculum; need to implement/evaluate long-term actions; need to improve data collection instruments, as well as sample size and profile.

Keywords: Education; Emotional Intelligence; Professional and Technological Education.

Submetido em: 3/1/2024

Aceito em: 12/8/2024

Publicado em: 29/10/2024

¹ Instituto Federal Baiano. Catu/BA, Brasil. <https://orcid.org/0009-0007-2826-3450>

² Instituto Federal Baiano. Catu/BA, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5954-397X>

“Todo aprendizado tem uma base emocional.”
(Platão, 427 - 347 a.C.)

INTRODUÇÃO

Ainda no século passado, o conceito de inteligência era impreciso, variando no senso-comum e em diferentes culturas. O conceito estava muito associado a padrões culturalmente determinados. Assim, testes baseados em habilidades mentais simples, como tempos de reação, discriminação sensorial e associação de palavras poderiam constituir importantes preditores de inteligência e do desempenho acadêmico (Woyciekoski; Hutz, 2009).

Testes preditores da capacidade intelectual começaram a ser usados na França como forma de avaliar o desempenho escolar e conduzir a tomada de decisões de gestores, a depender do perfil dos escolares. O modelo de inteligência que se constituiu com os primeiros testes de quociente intelectual (QI) estimulou a visão da inteligência como a capacidade de processamento de informações ligadas às habilidades necessárias para o sucesso acadêmico. Esses primeiros testes restringiam-se ao campo linguístico e lógico-matemático, baseando-se na crença de que as forças intelectuais eram amplamente herdadas (Gardner, 1995).

Nas décadas de vinte a trinta do século XX, os testes de medir o quociente de inteligência (QI) chegaram na América e se expandiram por outros continentes. Paralelamente ao desenvolvimento dos testes de QI, um forte movimento em prol da eficiência influenciava os espaços formativos, motivado pela industrialização. Como afirma Gardner (1995), a introdução dos princípios da administração científica e produção em massa nas escolas atrapalhou os esforços dos educadores para encontrar soluções para aqueles com dificuldades escolares, pois, as escolas eram, cada vez mais, pressionadas a operarem de forma eficiente, diminuindo a retenção e proporcionando uma força de trabalho disciplinada.

O estudo de Woyciekoski e Hutz (2009) enfatiza as limitações dos testes de QI, visto que, não conseguiam mensurar adequadamente a complexidade das competências individuais. Além disso, desconsideravam o indivíduo como ser social, que interfere e sofre interferência do meio em que vive. Como verificado em estudos posteriores, as competências individuais seriam apenas um aspecto da inteligência, dependente das estruturas e instituições sociais.

Nesse íterim, estudos iniciais sobre a inteligência social começam a surgir, cujo âmbito de interesse eram as habilidades para decodificar as informações do contexto social (Siqueira; Barbosa; Alves, 1999). Iniciou-se com a inteligência social uma tentativa de compreender a inteligência como um fenômeno mais amplo. Estudiosos da inteligência, como Thurstone (1938), Gardner (1995), Sternberg (1997), propuseram visões alternativas à unitária, em que o intelecto é visto como composto por múltiplas facetas e fatores diferentes, ou ainda por inteligências qualitativamente diferentes (Woyciekoski; Hutz, 2009).

Durante muito tempo, a inteligência foi desvinculada das emoções, eram estruturas concebidas como divergentes ou, até mesmo, opostas, a conhecida dualidade

razão x emoção. Os estudos desses dois termos continuam fomentando grande interesse e instigando pesquisadores. A década de noventa do século XX foi especialmente significativa para este campo do conhecimento. As descobertas das neurociências ajudaram a compreender como o cérebro funciona, mostrando as possibilidades de adaptação conforme sua relação com o ambiente, a diversidade, os estímulos que o meio pode gerar ao longo da vida, salientando inclusive o papel significativo dos estados emocionais (Fonseca, 2016).

A partir dessas descobertas e do mapeamento cerebral, foi possível notar estruturas emocionais e racionais operando conjuntamente para determinar as nossas ações e decisões, são os cérebros límbico e o neocórtex. Gardner (1995), MacLean (1973, 1978 *apud* Fonseca, 2016) demonstraram que as emoções estão implicitamente ligadas às cognições em qualquer domínio de aprendizagem que se queira considerar, porque o cérebro emocional sensível à recepção e à expressão de emoções e emergido do cérebro instintivo que governa os mecanismos de sobrevivência e bem-estar, dá efetivamente suporte ao cérebro cognitivo simbólico, lógico e pensador.

Na perspectiva de elucidar a relação entre inteligência, emoção e sua influência no ensino-aprendizagem, bem como conhecer o que tem sido pesquisado a respeito da inteligência emocional (IE) no ambiente escolar nos últimos anos, propôs-se esta revisão de escopo.

Numa análise de escopo, pretende-se mapear, por meio de um método rigoroso e transparente, os principais conceitos que sustentam uma área temática, pretendendo fornecer uma visão descritiva dos estudos revisados, sem os avaliar criticamente ou sumarizar evidências de diferentes investigações, como ocorre em uma revisão sistemática (Arksey; Malley, 2005).

O objetivo desta revisão de escopo foi realizar um levantamento e examinar a natureza/extensão das publicações acerca da Inteligência Emocional no ambiente escolar formal nos últimos 5 anos, identificando lacunas e desafios. Libâneo (2018) assim define educação formal:

refere-se a tudo que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura. Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Neste sentido, a educação escolar convencional seria tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal (Libâneo, 2018, p. 81).

Para este estudo, a metodologia escolhida foi a síntese da revisão de escopo, baseado no modelo de Arksey e O'Malley (2005). Para esses autores, as revisões de escopo são um método de síntese que identifica tendências e lacunas em uma base de conhecimento existente, ou escopo de conhecimento, com o propósito de informar pesquisas, políticas e práticas.

Assim, foram definidas cinco etapas principais: identificação da questão de pesquisa, identificação de estudos relevantes, seleção dos estudos, mapeamento dos dados, consolidação, relato e discussão dos resultados.

MATERIAIS E MÉTODOS

Identificação da questão de pesquisa

De acordo com Arksey e O'Malley (2005), definir a questão de investigação relevante é um passo inicial vital, uma vez que orienta a forma como as estratégias de pesquisa são concebidas.

A princípio foi estabelecida a questão de pesquisa: o que há publicado em periódicos nacionais e internacionais acerca da IE nos espaços de educação formal nos últimos 5 anos (2017 a 2022)? Esse intervalo de tempo foi definido pela necessidade de delimitar a amostra, considerando um período expressivo e recente.

Identificação dos estudos relevantes

Na sequência, procedeu-se à busca e à identificação dos estudos relevantes em três bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scopus e Web of Science. A busca foi realizada entre os meses de abril a julho de 2023, utilizando os descritores "EMOTIONAL", "INTELLIGENCE" e "EDUCATION", procurando identificá-los no título, resumo e palavras-chave, com o operador booleano "AND". Foram considerados artigos publicados até agosto de 2022.

Seleção dos estudos

Para esta revisão foram removidos os artigos que estavam duplicados entre as bases de dados. Como principal critério de inclusão no estudo, era ter ocorrido em espaço de educação formal, em quaisquer níveis. Pesquisas desenvolvidas em outros espaços foram descartadas.

Na BVS, foram encontrados 138 artigos. Os filtros aplicados foram os seguintes: estágio final de publicação, entre 2017 a 2022, em inglês, os documentos recuperados foram artigos e capítulos de livros. Os termos inteligência emocional, emoções, testes neuropsicológicos e testes de inteligência definiram o assunto principal. Para os tipos de estudos, optou-se pelos estudos de prognóstico, incidência, avaliação, rastreamento, observacional, fatores de risco, síntese de evidências e pesquisa qualitativa. Os artigos selecionados a partir dos critérios acima descritos, foram analisados pelo título e resumo, sendo 106 deles eliminados por não possuírem relação direta com o objeto de pesquisa. Dos 32 que permaneceram, 27 estavam disponíveis na íntegra para acesso, sendo que um deles se repetiu, restando 26 artigos para análise. Sendo todos lidos e categorizados. Após leitura minuciosa, outros 6 artigos foram eliminados por não apresentarem relação direta com a pesquisa, traziam relação com ambientes de trabalho e não com o espaço escolar. Sendo este um critério de exclusão.

Encerrada a etapa de análise da BVS, procedeu-se à pesquisa na plataforma Scopus. Nesta base, os filtros selecionados foram os seguintes: estágio final de publicação, em inglês, período de 2017 a 2022, os documentos recuperados foram artigos e capítulos de livros. A partir desta busca, obteve-se 350 artigos. Desses, 11 eram repetidos em relação a BVS, 6 possuíam acesso restrito, sendo, em razão disso, excluídos, 70 artigos foram considerados válidos. Os demais foram excluídos por não apresentarem relação

direta com a temática. Após a etapa de leitura dos 70 artigos selecionados por afinidade com o tema, apenas um foi removido por não contemplar o objeto de estudo.

Após a etapa analítica dos artigos da Scopus, procedeu-se à pesquisa na plataforma Web of Science, utilizando-se os mesmos critérios. A seleção deu-se pelos filtros: estágio final de publicação, entre 2017 a 2022, em inglês, os documentos recuperados foram artigos e capítulos de livros. Inicialmente foram identificados 53 artigos, mas após a leitura dos títulos e resumos foram mantidos 46. Posteriormente, foram suprimidos 15 artigos, pois já haviam sido analisados nas plataformas BVS e Scopus, restando 31 artigos para apreciação mais detalhada.

A amostra final da revisão de escopo foi 120 artigos (Figura 1).

1.4 Mapeamento dos dados

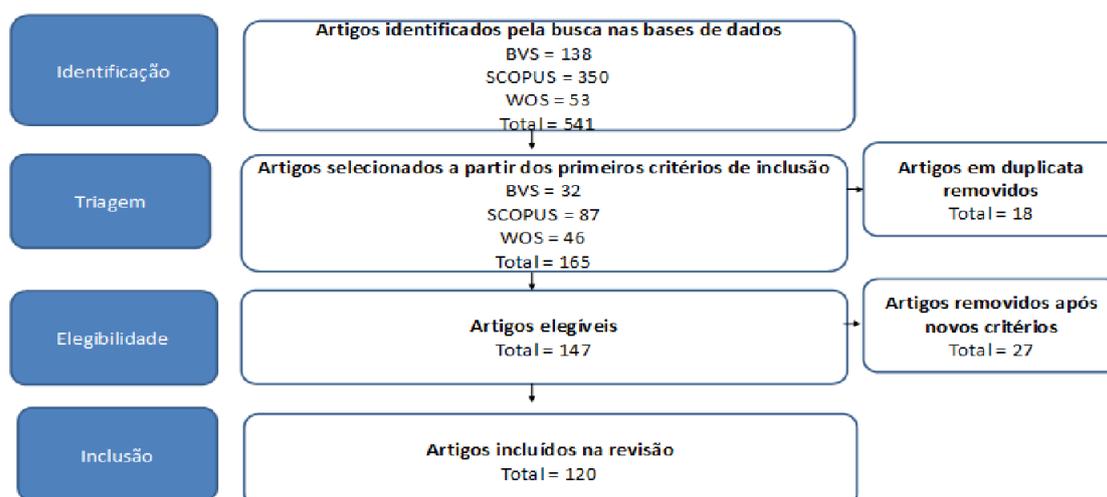
Os 120 artigos foram consolidados numa planilha, contendo os seguintes campos: título, objetivo, principais aspectos levantados, coleta e análise de dados. Essa planilha subsidiou a análise dos dados.

A planilha foi utilizada para análise e discussão dos dados levantados no decorrer do texto, entretanto, por considerar a amostra numerosa, a planilha utilizada para extrair os dados resultou demasiadamente grande para compor o artigo.

1.5 Consolidação e discussão dos dados

Os artigos pesquisados foram organizados num fluxograma (fig. 1).

Figura 1 – Fluxograma de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos sobre educação e inteligência emocional.



Fonte: Elaborada pelos autores,

DISCUSSÃO

As principais características dos estudos incluídos foram analisadas e consolidadas abaixo, com base nos dados extraídos.

Após a leitura dos artigos, pôde-se observar que trabalhos acerca da Inteligência Emocional (IE) têm começado a ocupar os espaços do ensino formal, em seus diversos níveis, desde a educação básica ao nível superior. Há uma concentração nos níveis médio e superior, e alguns realizados nas séries finais do Ensino Fundamental, mas não foram identificados artigos do Ensino Médio Integrado e Educação Infantil, o que corrobora com a meta análise realizada por Molero *et. al* (2020). No referido estudo, de 20 artigos analisados, o Ensino Fundamental e Médio, concentraram 8 estudos em cada modalidade, no Ensino superior foram 3 e para a educação infantil, apenas um.

Por considerar a IE, junto às habilidades cognitivas, um potencial preditor de equilíbrio psicológico e desempenho acadêmico dos alunos, Molero *et. al* (2020) sugere como importante medida o desenvolvimento de programas de intervenção em Inteligência Emocional em idade precoce. Pois, através deste construto contribui-se para adquirir desde tenra idade, a capacidade de enfrentar, de forma ótima, situações conflituosas, o que tem impacto no bem-estar mental e, conseqüentemente, no desempenho acadêmico dos alunos.

Ainda de acordo com Molero *et. al* (2020), em relação à eficácia dos programas, os melhores resultados foram encontrados no Ensino Fundamental, evidenciando a necessidade de começar a desenvolver implementações para melhorar a IE desde cedo, pois proporcionam grandes benefícios. Esse achado pode estar sendo influenciado pela ausência de pesquisas no nível inicial da etapa escolar.

Observa-se também que o construto tem sido estudado na área da educação associado a diversos outros, como: desempenho acadêmico, traços de personalidade, resultados de aprendizagem, eficácia acadêmica, engajamento, qualidade de vida, bem-estar subjetivo, autoestima, autoconceito, resiliência, satisfação no trabalho, funções executivas, humildade intelectual, motivação intrínseca, aprendizagem autorregulada, estresse acadêmico, variáveis sociodemográficas, burnout, agressividade, depressão, vitimização, dentre outros menos recorrentes.

O desempenho acadêmico é expressivamente um fim relacionado à IE em diversos estudos. Ocorre que os resultados são diversos, a depender das variáveis e traçado do estudo. Alguns evidenciam a IE como preditor de melhor desempenho acadêmico, como os realizados por Alegre, Cassa e Lopez (2022) e Martinez-Martinez *et al.* (2022); outros não, como no trabalho feito por Shafait *et al.* (2021). No trabalho, evidenciaram que IE não tem efeito direto significativo no desempenho acadêmico. Seu papel antecedente, fundamental no desempenho, ocorre por causa de seu efeito sobre duas variáveis mediadoras dessa relação, a compaixão e o engajamento.

Dong *et al.* (2022) destacam que a IE tem sido observada de forma significativa no meio acadêmico, tendo forte relação com o desempenho acadêmico. Revela em seu estudo a IE associada ao melhor desempenho acadêmico, a um comportamento pró-social e mais empatia. Este mesmo estudo evidenciou a consciência, um traço da personalidade, como o principal preditor de desempenho acadêmico, com a

amabilidade e abertura. Neste caso, o melhor desempenho esteve mais relacionado à personalidade que à IE. Isso evidencia a IE como um fator que pode agir diretamente ou ainda influenciar em habilidades/características de modo a impactar no desempenho acadêmico. O estudo supracitado aponta para a possibilidade de desenvolver a personalidade por meio de treinamento em IE.

Munoz e Nunes (2020) mostraram como traços da personalidade e IE podem definir comportamentos e repercutir no desempenho do indivíduo. Demonstraram, a partir de uma análise de regressão hierárquica, que taxas mais altas de neuroticismo e taxas mais baixas de extroversão, clareza e inteligência intrapessoal predizem significativamente níveis mais altos de ansiedade geral. A manifestação da ansiedade pode ser influenciada pela personalidade e IE do indivíduo. Assim, considerando estudos que trazem uma relação entre ansiedade social e o desempenho acadêmico, associado à baixa concentração em sala de aula, torna-se essencial determinar e compreender os fatores que podem interferir nos níveis de ansiedade, prevenindo, assim, distúrbios mais graves que impedem o desempenho diário.

Molero *et. al.* (2021) relatam que alunos com baixo desempenho acadêmico parecem regular suas emoções de forma menos eficiente do que aqueles com alto desempenho, dificultando o gerenciamento do estresse escolar. Isso pode ser, em parte, porque os jovens com altos níveis de inteligência emocional são mais capazes de lidar com as situações na escola, sentem-se autorrealizados e satisfeitos com as tarefas e os esforços realizados. A inteligência emocional permite conhecer, gerir e lidar cognitivamente com as emoções negativas, minimizando a ansiedade, a confusão e o estresse, que inevitavelmente surgem dos acontecimentos da vida, inclusive no ambiente escolar.

Conforme afirmam Alegre, Cassa e Lopez (2022), numerosos estudos confirmam que programas educacionais que incluem educação emocional impactam positivamente as atitudes em relação a si mesmo e aos outros, melhoram o clima da sala de aula, assertividade, resiliência, reduzem o comportamento disruptivo e aumentam o desempenho acadêmico, e outros aspectos relevantes da educação de qualidade. Além disso, contribuem para melhorar o bem-estar psicológico, enquanto diminui as taxas de ansiedade e problemas de saúde mental.

Bajpai *et.al.* (2021) reiteram que o dever do professor vai além de enriquecer os alunos com conhecimentos cognitivos, implica também em embeber neles as habilidades e os valores que os prepararão para enfrentar os desafios da vida, dentre eles, as competências socioemocionais. Estas têm sido as competências mais procuradas no mundo do trabalho atualmente. A forma de condução do professor pode ser um diferencial nesse processo. Um professor de mente aberta e um ouvinte ativo é muito importante para garantir o desenvolvimento integral dos alunos. O vínculo aluno-professor auxilia no desenvolvimento de uma relação rica em confiança e empatia. Isso é fundamental para o desenvolvimento de um ambiente propício para a aprendizagem ao longo da vida.

Isto posto, é apropriado incluir e mobilizar estratégias de IE nos projetos pedagógicos das instituições educacionais do século XXI, considerando as emoções como aspecto central no processo de aprendizagem. Conforme Garcia-Arracil e Vander Velden (2008) *apud* Cortelazzo *et al.* (2021):

Estudiosos sustentam que o desenvolvimento dessas competências requer uma abordagem diferente dos métodos tradicionais baseados na acumulação passiva de conhecimento que tradicionalmente têm sido oferecidos pelas instituições de ensino. O desenvolvimento de competências socioemocionais requer uma abordagem focada na aprendizagem ativa, estimulação de relacionamentos e cooperação (Cortelazzo *et al.*, 2021, p. 2).

O objetivo fundamental do sistema educacional atual é a educação integral dos alunos, que propõe, entre outras coisas, dar atenção especial às interações sociais que se originam na sala de aula. Habilidades relacionadas à inteligência interpessoal e intrapessoal favorecem relações mais empáticas e menos conflituosas (Mira-Galvañ; Gilar-Cobi, 2021).

Assim, muito além de centrar o currículo numa grade engessada, deve-se atender o sujeito em sua completude, contemplando os diversos aspectos, incluindo as emoções. Por isso, estratégias que promovam a inteligência emocional precisam fazer parte da rotina dos espaços educativos, incluindo a escola.

Monteiro e Valente (2016) tratam do espaço escolar como local de convivência de culturas, ideologias diversas, um espaço de diversidade. Logo, torna-se propício a divergências, desentendimentos e conflitos que impactam as relações e o aprendizado. Ao mesmo tempo, é um local adequado para promover o amadurecimento dessas relações, quando o enfrentamento das diferenças acontece de forma respeitosa, empática e inteligente.

Dois aspectos primordiais devem ser considerados no sentido de favorecer a inserção da dimensão emocional na escola. Um seria a formação de professores, o outro, a adequação curricular. Ao professor, eixo central da atividade pedagógica, cabe dominar as competências da inteligência emocional, para que as transmitam aos alunos, com a finalidade de trabalhar com eles o desenvolvimento destas mesmas capacidades, considerando a indissociabilidade entre razão e emoção (Rodríguez; Leal; Farías, 2021).

Fato é que existe uma deficiência na formação dos professores, como pode ser averiguado nos estudos de Fernández Extremera e Berrocal (2004) e Rodríguez; Leal; Farías (2021), o aspecto emocional não tem sido desenvolvido ao longo do processo formativo. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2022) enfatiza não apenas que a natureza do trabalho centrado nos aspectos pedagógicos deva ser considerada, mas também o despreparo neste enfrentamento. Daí, a necessidade de incluir a IE na formação inicial e continuada dos professores.

Numa realidade do ensino no qual os professores enfrentam uma grande diversidade de tarefas a desempenhar, sem dúvidas, o aspecto emocional de seus alunos é um dos pontos mais complexos e, ao mesmo tempo, menos atendidos. Nesse sentido, Carmona *et al.* (2020) destaca a formação inicial e contínua dos atuais e futuros docentes como um instrumento fundamental no esforço de alcançar um ensino de qualidade. O desenvolvimento das competências socioemocionais nos profissionais da educação terá impacto não só na aprendizagem dos alunos, mas também na sua própria, no seu bem-estar e num melhor desempenho laboral.

Tratando-se do currículo, Goleman (2011) propõe como estratégia de promoção da educação emocional em ambiente escolar, a fusão de lições sobre sentimentos e

relacionamentos com as disciplinas comuns do currículo. Para ele, é perfeitamente possível articular as lições emocionais com leitura e escrita, saúde, ciência, estudos sociais, dentre outras. Não necessariamente, deve-se criar uma disciplina no currículo. O que poderia gerar uma resistência por parte dos professores e discentes, já sobrecarregados. O caminho para levar a educação emocional às escolas insere as emoções e a vida social em seus currículos normais, como as experiências propostas e aplicadas por Paixão *et al.* (2022), Barreto (2022), Barreto *et al.* (2022), Paixão *et al.* (2021) e Paixão (2020).

Outras relações predominantemente estabelecidas nos estudos acessados foram a IE associada a gênero, faixa etária, condições socioeconômicas, escolaridade do indivíduo e escolaridade dos pais. Alharbi (2018) elucidou outros fatores com correlações positivas, estatisticamente significativas, como a escolaridade dos pais, condições de trabalho e renda familiar. No estudo desenvolvido por Alharbi (2018), quanto maior a escolaridade do pai e a renda familiar, melhor a IE da criança. Uma boa formação educacional pode fornecer a um indivíduo melhores oportunidades de emprego e um potencial salarial mais alto. Assim, a capacidade dos pais em prover o sustento da família pode influenciar na melhora da IE do filho. De modo contraditório, houve uma relação significativa entre as condições de trabalho dos pais e a IE da criança. Esse achado indica que os participantes cujos pais trabalham tendem a apresentar baixos escores de IE, sugerindo que a presença dos pais no dia a dia e a qualidade do tempo que passam com a criança podem fazer a diferença na melhoria das habilidades emocionais e sociais.

Em relação às condições de trabalho, no frenesi da vida atual, é importante que os pais ou responsáveis pela educação de crianças e de adolescentes otimizem o tempo disponível, incorporando qualidade a este tempo, estimulando o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Alharbi (2018) considerou que fatores como um estilo parental afetuoso e pais que podem suprir necessidades básicas de seus filhos, promovem o desenvolvimento da autoconfiança, integridade emocional e autorregulação das emoções.

Quanto ao gênero, alguns estudos, como Cassano *et al.* 2020, mostraram que o gênero feminino tem maiores aptidões na escala interpessoal, enquanto os homens são mais aptos na tomada de decisões. Dessa forma, segundo Herrera, Al Lal e Mohamed (2020), as meninas apresentaram competências e habilidades superiores aos meninos em empatia, responsabilidade social e relacionamento interpessoal. Já os meninos, destacam-se em tolerância ao estresse e controle de impulsos (gerenciamento do estresse), bem como em testes de realidade, flexibilidade e resolução de problemas (adaptabilidade).

Molero *et al.* (2020) realizaram uma metanálise acerca da inteligência emocional no campo educacional, 20 artigos foram analisados e concluiu-se que 90% das implementações de ações em IE produzem altos efeitos positivos nos alunos, como a melhoria de suas habilidades emocionais e sociais, sua capacidade de enfrentar as dificuldades que surgem diariamente em salas de aula. Por isso, torna-se essencial adotar essas práticas no cotidiano da escola.

Em suma, os estudos alertam para a necessidade de consolidar uma educação mais humanista, que incorpore uma nova linguagem e novos conteúdos, em que

a formação técnico-profissional ande de mãos dadas com a aprendizagem moral e socioemocional. Soma-se a essa perspectiva a necessidade de incorporar as emoções no processo ensino-aprendizagem e dar-lhes um papel maior, estabelecendo a relação entre emoção (aprendizagem afetiva) e razão (aprendizagem cognitiva) como forma adicional de fortalecimento e desenvolvimento do indivíduo (Shafait *et al.*, 2021).

Na busca de consolidar a perspectiva aqui apresentada, algumas propostas foram mostradas ou mesmo experimentadas em alguns dos trabalhos analisados. A aprendizagem autodirigida, por exemplo, no estudo de Shafait *et al.* (2021), foi apontada como um facilitador entre a IE e os resultados da aprendizagem. Esse método, conforme conceituado por Kwoles, consiste num processo no qual os indivíduos tomam a iniciativa, com ou sem a ajuda de outros, em diagnosticar suas necessidades de aprendizagem, formular metas, identificar recursos humanos e materiais para aprender, escolher e implementar estratégias de aprendizagem apropriadas e avaliar os resultados da aprendizagem. No referido estudo, os efeitos diretos da IE na aprendizagem autodirigida foram significativos e positivos. Da mesma forma, os efeitos diretos da aprendizagem autodirigida sobre os resultados de aprendizagem foram considerados significativos e positivos.

Os trabalhos analisados trazem diversas proposições de Educação Emocional que têm sido implementadas em diversos lugares no mundo, com sucesso, como o Ruler, Casel e Intemo (Martinez-Martinez *et al.*, 2022). Gilar-Corbi, Pozo-Rico e Vila (2021) tratam do programa “Vivo, logo, sinto”, aplicado num centro educacional de Ensino Médio espanhol, visando avaliar a eficácia da concepção e desenvolvimento do programa, na IE, nas habilidades sociais e comportamento antissocial e criminoso. O estudo ocorreu num período de 12 semanas, envolvendo grupo teste e controle. Foram realizados pré e pós-testes, sendo evidenciada uma melhora significativa nos níveis de IE, habilidades sociais e comportamento antissocial e criminal dos estudantes, evidenciada através dos questionários EQi: YV(S), TMMS, MESSY e questionário de comportamento antissocial-criminal, respectivamente.

De modo similar, Mira Galvañ e Gilard Corbi (2021) retrataram o desenvolvimento e aplicação do programa OKAPI, em duas escolas de uma província espanhola, um programa de longa duração. Notavelmente, houve uma melhora nas habilidades socioemocionais dos participantes em várias dimensões, exceto na adaptabilidade.

Outros modelos de intervenção de curto prazo, como atividades hortícolas, atividades físicas, música e jogos também têm sido adotados como estratégias de aprimoramento da inteligência emocional, com relativo sucesso, como nos estudos de Y-A. Oh *et al.* de 2020 e Fernández *et al.* de 2020. Fato é, como os estudos têm demonstrado, em relação à duração dos programas implementados, os mais eficazes foram aqueles que tiveram duração média, sendo os programas de curta duração os que apresentaram menor eficácia (Molero *et al.*, 2020). Esse achado corrobora com os achados de Cantero, Bañuls e Viquer (2020), ao afirmar que uma intervenção de longo prazo manteria esses níveis e até os desenvolveria ainda mais. Este trabalho fornece evidências claras da necessidade de aplicar programas para aprimorar a IE durante vários anos letivos. Assim, é necessário haver uma continuidade, uma sequência que potencialize as competências desenvolvidas no decorrer do treinamento. Tal cenário

se torna ainda mais importante num contexto de pós-pandemia, onde os relatos de transtornos emocionais são cada vez maiores.

É necessário, pois, trabalhar as competências emocionais em sala de aula. Muitos problemas associados ao desempenho acadêmico podem estar mais vinculados a problemas emocionais do que à falta de capacidade cognitiva. Entretanto, antes de aplicar qualquer estratégia que vise desenvolver habilidades emocionais em sala de aula, é fundamental considerar os seguintes aspectos: respeito ao contexto sociocultural do aluno; o planejamento das atividades; treinamento de professor; apoio da instituição de ensino; métodos de avaliação; a sua incorporação nos conteúdos disciplinares e, sobretudo, um sólido suporte teórico (Luzuriaga, 2018).

Na perspectiva de uma educação integral, formação humana e para a cidadania, é essencial trabalhar a IE no sentido de promover a tolerância e o respeito; portanto, deve ser ensinado paralelamente ao currículo escolar. Como afirma Fernández Extremera e Berrocal (2004), esses aprendizados da vida e para a vida devem ser realizados nas salas de aulas por meio da implementação de programas que promovam o crescimento emocional e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, tratando-se de programas ou estratégias educacionais, algumas variáveis tornam o estudo desafiador ou ainda determinam os resultados. Nos artigos avaliados, o fator tempo (tempo de investigação) foi posto como um dos desafios. Por esta razão, grande parte dos estudos aponta a alternativa de desenvolver estudos longitudinais. Observou-se a necessidade de aplicar os programas por um tempo mais prolongado, bem como de acompanhamento dos sujeitos por um período maior, para mensurar a permanência dos resultados obtidos, no sentido de assegurar os seus efeitos.

Além do fator tempo, a subjetividade envolta nos instrumentos de coleta é outro ponto crítico, principalmente aqueles relacionados ao autorrelato.

Outra limitação indicada seria o tamanho e perfil das amostras. Grande parte dos estudos apresentavam amostras pequenas ou ainda diversificadas. Além da indicação de testagem em diferentes culturas e níveis acadêmicos diversos, visando obter evidências mais sólidas acerca da importância de incorporar estudo em IE na educação institucionalizada e dos reflexos da melhoria da IE no contexto dos desafios globais na educação do século XXI.

De todos os trabalhos analisados nesta revisão, apenas quatro foram desenvolvidos no Brasil. Tais estudos buscaram estabelecer relação entre IE e fatores sociodemográficos, ou a relação IE/empatia em estudantes universitários. Esse fato reflete, ao mesmo tempo, o surgimento do interesse pelo tema, mas acontecendo de forma ainda tímida, ensejando intervenções mais incisivas.

REFERÊNCIAS

- ARKSEY, Dr. H.; MALLEY, Dr. L. O'. Scoping studies: towards a methodological framework. *Int. J. Soc. Res. Methodol.* University of York, 2005.
- ALHARBI, M. F. Emotional intelligence of Saudi Children in the basic education program. *Saudi Med J*; v. 39 (6), 2010.

BARRETO, R. S. *Pedagogia da emoção para o ensino de geografia na educação profissional e tecnológica* Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, 2022.

BARRETO, R. S.; NUNES, F. C.; SOUZA FILHO, J. R. Utilização de tecnologias da informação e comunicação para o ensino da geografia da emoção. *In.: Do ensino à inovação: uma coletânea plural dos projetos de tecnologias 2022 digitais de informação e comunicação vivenciados no IF Baiano*, v. II (Gilvan M. Durães, Marcio V. Borges (Orgs.)). 1. ed., Curitiba: Appris, 2022, p. 109-125.

CANTERO, M. J., BAÑULS, R., VIGUER, P. Effectiveness of an emotional intelligence intervention and its impact on academic performance in Spanish pre-adolescent elementary students: results from the Edi Program. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 20: 7621, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17207621>. Acesso em: 08 jul. 2023.

CARMONA, S. P.; DUENAS, C. P.; FERNANDEZ, P. C.; SALAS, B. L. Competencias emocionales de las futuras personas docentes: un estudio sobre los niveles de inteligencia emocional y empatía. *Revista Educación*, 2020. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44062184014>. Acesso em: jun. 2023.

CASSA, L. E.; ESCODA, N. P.; ALEGRE, A. The Relationship between Children's Trait Emotional intelligence and the Big Five, Big Two and Big One Personality Traits. *Education Sciences*, 2022, 12, 491. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/educsci12070491>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2227-7102/12/7/491>. Acesso em: 19 set. 2023.

CASSANO, F.; TAMBURRANO, A.; MELLUCCI, C.; GALLETTI, C.; DAMIANI, G.; LAURENTI, P. Evaluation of Emotional Intelligence among Master's Degree Students in Nursing and Midwifery: A Cross-Sectional Survey. *Jornal Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública*, 2020, v. 17, 6347. Disponível em: www.mdpi.com/journal/ijerph. Acesso em 20 de setembro de 2023.

CORTELAZZO, L.; BONESSO, S; GERLI, F.; PIZZI, C. Experiences That Matter: Unraveling the Link Between Extracurricular Activities and Emotional and Social Competences. *Original Research*, v. 12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.659526>. Acesso em: 18 jun. 2023.

DONG, X.; KALUGINA, O.A.; VASBIEVA, G.D.; RAFI, A. Emotional Intelligence and Personality Traits Based on Academic Performance. *Frontiers in Psychology*, June 2022, v. 13, Published: 14 June 2022, Disponível em: [10.3389/fpsyg.2022.89457](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.89457). Acesso: 05 dez. 2022.

ESTRADA, M. *et al.* Does Emotional Intelligence Influence Academic Performance? The Role of Compassion and Engagement in Education for Sustainable Development. *Sustainability*. 2021, 4 ed., v. 13, 1721. Disponível em: [mdpi.com/2071-1050/13/4/1721](https://www.mdpi.com/2071-1050/13/4/1721). Acesso em: 29 jul. 2023.

FERNÁNDEZ-BERROCAL, P., EXTREMERA, N.P. La inteligencia emocional como una habilidad esencial en la escuela. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 29, n. 1, 2002. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2869>. Acesso em: 03 jul. 2023.

FERNÁNDEZ-BERROCAL, P; EXTREMERA, N. El papel de la inteligencia emocional en el alumnado: evidencias empíricas. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, vol. 6, núm. 2, Ensenada (MX), 2004. Disponível em: <http://redie.uabc.mx/vol6no2/contenido-extremera.html>. Acesso em: 25 maio 2023.

FERNÁNDEZ, R. C.; CAUDELI, V. G.; SANCHÉZ, R. V. Emotional Training and Modification of Disruptive Behaviors through Computer-Game-Based Music Therapy in Secondary Education. *Applied Sciences*. 2020, 10, 1796. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-3417/10/5/1796>. Acesso em: 12 ago. 2023.

FONSECA, V. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. *Revista Psicopedagogia, Oeiras (PT)*, v. 33, n. 102, p. 365-84, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014. Acesso em: 10 jan. 2023.

GAUTAM, M.; TANDON, M.; BAJPAI, A. Emotional Intelligence and Its Impact Upon Learning and Teaching- A Case Study of a Teacher in Higher Education. *Journal of Higher Education Theory and Practice*, v. 21, n. 16, p. 125-133, 2021. Disponível em: <https://articlegateway.com/index.php/JHETP/article/view/4919/4693>. Acesso em: 24 jul. 2023.

GOLEMAN, D. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente* [recurso eletrônico]; tradução Marcos Santarrita, Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

HERRERA, L. *et al.* Academic Achievement, Self – Concept, Personality and Emotional intelligence in Primary Education. Analysis by Gender and Cultural Group. Original Research. *Front. Psychol*, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6987137/pdf/fpsyg-10-03075.pdf>. Acesso em: jun. 2023.

JURADO, M. Del M. M. *et. al.* Inteligência emocional como mediador na relação entre desempenho acadêmico e burnout em estudantes do ensino médio. *National Library of Medicine*, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34166434/>. Acesso em: 14 dez. 22.

- LIBÂNEO, J. C. Os significados da educação, modalidades de Prática Educativa e a organização do Sistema Educacional. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 16, n. 1/2, p. 67–90, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/55234>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- LUZURIAGA, R. F. Retos y Herramientas Generales para el Desarrollo de la Inteligencia Emocional en las Aulas Universitarias. *Praxis Educativa*, v. 22, nº 3; 2018, p. 47-55. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19137/praxiseducativa-2018-220305>. Acesso em:
- MARTINEZ-MARTINEZ, A. M. *et al.* Relationship between Emotional Intelligence, Victimization, and Academic Achievement in High School Students. *Social Sciences*. 2022; 11(6):247. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0760/11/6/247>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- MIRA GALVAÑ, M. J. M.; GILAR COBI, R. OKAPI, Emotional Education and Classroom Climate Improvement Program Based on Cooperative Learning: Design, Implementation, and Evaluation. *Sustainability*, 2021, 13(22), 12559. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/22/12559>. Acesso em: 14 jul. 23.
- MIRANDA, N. M. *et al.* Inteligencia emocional en la formación del profesorado de educación infantil y primaria. *Perspect. educ.*, Valparaíso, v. 61, n. 1, p. 53-77, janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/perseduc/v61n1/0718-9729-perseduc-61-01-53.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.
- MOLERO, P. P.; ZURITA-ORTEGA, F.; CHACÓN-CUBEROS, R.; CASTRO-SANCHÉZ, M.; RAMIREZ-GRANIZO, I.; VALERO, G.G. La inteligencia emocional en el ámbito educativo: un meta-análisis. *An. psicol.* v. 36, 2020, p. 84-91. Disponível em <https://revistas.um.es/analesps/article/view/345901>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- MONTEIRO, A.P. VALENTE, M.N. Inteligência Emocional em Contexto Escolar. *Revista Eletrônica de Educação e Psicologia*. v. 7, 2016, p. 1-11. Disponível em: https://www.academia.edu/40162769/Intelig%C3%Aancia_emocional_em_contexto_escolar. Acesso em: 22 jun. 2023.
- MUÑOZ, M. A. C.; NUÑEZ, M. I. . Inteligencia emocional y personalidad: predicción de los niveles de ansiedad en alumnos del Grado en Educación Infantil y Educación Primaria. *Electronic Journal of Reserarch in Educational Psychology*, v. 18, 2020. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/EJREP/article/view/2595>. Acesso em: 21 abr. 2023.
- PAIXAO, M. A.; NUNES, F. C.; PAIXAO, J. F. Inteligência emocional e ecológica no ensino de literatura brasileira. In.: PAIXÃO, J. F. (Org.). *Estratégias participativas e colaborativas para o ensino e a aprendizagem em meio ambiente*. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2022, v. 1, p. 325-355.
- PAIXAO, M. A.; NUNES, F.C.; PAIXAO, J. F. Pedagogia da emoção: proposta de ensino de literatura para educação profissional e tecnológica. In.: SANTANA, C. L. S.; COSTA, D. S. C. (Org.). *Experiências multirreferenciais de pesquisas em educação profissional e tecnológica*. 1 ed., Curitiba: Editora CRV, 2021, v. 1, p. 107-126.
- PAIXAO, M. A. *A pedagogia da emoção: contribuições para a prática de ensino-aprendizagem de literatura*. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, 2020.
- RODRIGUEZ, C.C.; LEAL, X. P.; FARÍAS, C. S. Docentes emocionalmente inteligentes. Importancia de la Inteligencia Emocional para la aplicación de la Educación Emocional en la práctica pedagógica de aula. *Revista Estudios Pedagógicos XLVII*, Nº 1, Valdivia, 2021. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-07052021000100219. Acesso em: jun. 2023.
- SHAFIT, Z.; KHAN, M. A.; SAHIBZADA, U.F.; DACKO-PIKIEWICZ, Z.; POPP, J. An assessment of students' emotional intelligence, learning outcomes, and academic efficacy: A correlational study in higher education. *PLoS ONE*, v. 16, n. 8, agosto de 2021. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0255428>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- VILA, S.; CORBI-GILARD, R.; POZO-RICO, T. Effects of Student Training in Social Skills and Emotional Intelligence on the Behaviour and Coexistence of Adolescents in the 21 st Century. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v. 18, n. 10, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/10/5498>. Acesso em: 24 jul. 23.
- WOYCIEKOSKI, C.; HUTZ, C. S. Inteligência Emocional: Teoria, Pesquisa, Medida, Aplicações e Controvérsias. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Rio Grande do Sul, 2009, v. 22, n. 1, p. 1-11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100002>. Acesso em: 04 jun. 2023.
- YUN-AH, OH; A-YOUNG, LEE; KYUNG, JIN; SIN-AE, PARK. Horticultural therapy program for improving emotional well-being of elementary school students: an observational study. *Integrative Medicine Research*, v. 9, Issue 1, 2020, Pages 37-41. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.imr.2020.01.007>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Autor correspondente:

Mileide de Souza Carvalho

Instituto Federal Baiano

R. Barão de Camaçari, 118 - Centro, Catu/BA, Brasil. CEP 48110-000

cmileide72@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

